

Uma palavra criadora

A Palavra de Deus segundo o início do Gênesis (Gn 1-3)

Prof. Dr. André Wénin

RESUMO

Nestas páginas, eu gostaria de partir precisamente das primeiras páginas do Gênesis para tentar descobrir o que elas dizem da palavra de Deus e do Deus que fala. O que elas dizem me parece essencial para compreender o coração da experiência que o povo de Israel fez da palavra de seu Deus.

Palavras chave: Palavra criadora, teologia, criação, mundo.

ABSTRACT

In these pages I would like to start precisely from the first pages of Genesis trying to discover what they say about God word and the God that speeches. What these pages say, it seems to me, essential to understand the core of the experience that the people from Israel have done of their God word.

Key-words: Creator word, theology, creation, world.

INTRODUÇÃO

A narrativa bíblica que começa no Gênesis 1 tem imediatamente um lugar central na palavra de Deus. Nas duas primeiras páginas – aquelas que contam a criação - ela é de fato central. A primeira narrativa, aquela da criação em sete dias, é inteiramente cheia da palavra que Deus pronuncia e que se realiza ao ponto que a narrativa é estruturada por um refrão reto-

mado dez vezes: “E Deus disse”. Quanto à narrativa que segue, o episódio conta a história do homem e da mulher no jardim do Éden, toda sua intriga está em torno da palavra de Deus. Porque é a ordem de Deus a respeito das árvores do jardim que desencadeia toda a história da falta, e é ainda a palavra do julgamento de Deus que a conclui.

Nestas páginas, eu gostaria de partir precisamente das primeiras páginas do Gênesis para tentar descobrir o que elas dizem da palavra de Deus e Deus que fala. O que elas dizem me parece essencial para compreender o coração da experiência que o povo de Israel fez da palavra de seu Deus. Estes textos, que abrem o Gênesis, condensam de fato as coisas mais importantes, aquelas que necessitam que o leitor leia em primeiro lugar, aquelas que acompanharão toda a leitura do livro e a descoberta do Deus que se revela e se esconde ao mesmo tempo.

Para levar a cabo este projeto, eu me baseio sobre uma leitura sincrônica do texto que eu examinarei com as ferramentas da análise narrativa. Em outros termos, não tentarei fazer novas hipóteses no que diz respeito à história destas páginas, o lugar onde elas puderam talvez ter sido compostas ou ainda o sentido que o autor queria comunicar ao seu público. Outros fizeram este trabalho. De minha parte, gostaria de ler este texto tal qual a tradição nos transmite, considerando-a como uma narrativa teológica, a qual eu vou explorar um de seus aspectos essenciais¹.

1. A PALAVRA DE DEUS NO POEMA DA CRIAÇÃO EM GN 1,1-2,3

“Quando Deus começou a criar os céus e a terra – ora a terra estava tohu (vaga) e bohu (vazia), e havia treva sobre a face do abismo e vento de Deus irrequieto sobre a face das águas – Deus disse: “Que a luz seja” e a luz foi (Gn 1,1-3a). Assim começa a narrativa bíblica: por uma palavra de Deus. Na realidade, de maneira sutil, a narrativa evoca mesmo, por assim dizer, o nascimento da palavra divina.

Todo mundo sabe que, para falar é necessário vento. Ora o versículo 2, descrevendo o caos inicial sobre o qual logo vai pronunciar uma palavra criadora, evoca justamente o “vento de Deus”, uma expressão que muito

¹ Neste artigo, eu retomo e prolongo o que eu escrevi na minha obra *D’Adam à Abraham ou les errances de l’humain. Lecture de Genèse 1,1-12,4* (Lire la Bible 148), 2007.

rápido se traduzirá pelo habitual “Espírito de Deus”. Nada de fato a obriga a traduzi-la assim. Ao contrário. A expressão inicialmente tem um sentido concreto e designa um vento muito violento². Estas palavras também podem evocar uma “tempestade de Deus o Pai”, um vento muito poderoso “irrequieto” sobre a face das águas. A imagem está próxima daquela de Dn 7,2, onde, numa visão, Daniel vê “os quatro ventos do céu levantar (sacudir) o grande mar. Muitos ligam a um sentido mais corrente: “o vento de Deus voava sobrevoava sobre a face das águas”. Para eles, Deus é presente: seu vento (rûah), símbolo de seu poder (Ez 37,1; 1Rs 18,12) está lá, fora do caos das águas mergulhadas nas trevas. Ela está por assim dizer, à distância guardando talvez este caos sob controle ou prestes a intervir. Este sentido não pode evidentemente ser excluído

Da minha parte, não estou certo que seja necessário escolher entre os dois sentidos porque seria levantar uma ambigüidade fecunda e se privar de uma parte da riqueza do sentido que se desprende desta imagem. Em função do início do versículo 2 e da continuação imediata do versículo 3, eu proporia lê-la como sorte de uma metáfora que evoluiria. (1) O narrador começa por descrever o caos inicial: as águas abissais do oceano primordial estão mergulhadas nas trevas enquanto que o vento de Deus agita as águas. A este estado, mesmo aquilo que vem de Deus parece contribuir ao tohu-bohu (caos geral) porque é uma força não contida, violenta. (2) A passagem no segundo estado da metáfora se torna possível pelo verbo que descreve o vento de Deus “irrequieto” sobre a face das águas. Ele pode significar “tremor violentamente” (Cf. Jr 23,9), mas também “sobrevoar” num movimento estremeado, suspenso, em espera (Dn 32,11). É como se Deus tivesse retido seu poder, o apaziguasse.(3) Depois, no versículo, no terceiro estado da imagem, Deus parece brincar com este sopro apaziguado modulando sua expiração numa palavra: “E Deus disse: y^ehi’ôr – que a luz seja” (v. 3^a). Pronunciando estas palavras, ele brinca com as aspirações (h, ‘) e com as vogais (e, i, o) que lhe dão uma cor, antes que sua expiração se acabe em um tremor (o r final).

Esta metáfora, que faz brincar os sentidos possíveis do versículo 2 e o início do versículo 3, sugere que o início da ação criadora consiste para

² Em hebraico, de fato, a palavra “Deus” (’êlohîm) pode servir na expressão de um superlativo: uma montanha de Deus é uma grande montanha (Sl 36,7); temos mesmo cedros de Deus (Sl 80,11) e as estrelas de Deus (Is 14,13).

Deus conter o seu próprio poder, porque como todo vento violento, ele poderia ser uma força devastadora. Assim, contido este sopro se torna então palavra. A presença do “vento de Deus” no versículo 2 prepara então em cavidade o tema que estrutura o conjunto do poema: aquele da palavra criadora. O salmista faz eco a sua maneira quando ele afirma: “Pela palavra do Senhor os céus foram feitos e pelo vento (rûah) de sua boca todo o seu exército” (Sl 33,6). Sopro da boca de Deus, sua palavra não é nada do que seu vento, onde a força é contida, apaziguada, dominada. Ela não perde nada da força do sopro que ela traz, mas a transforma em força criadora. Esta palavra também faz o que ela diz: “E diz, e esta é, ela manda e isto existe” (Sl 33,9).

2. DEUS, A PALAVRA, A LUZ

Dois elementos devem ser colocados a respeito desta primeira palavra. O primeiro me vem de Paul Beauchamp: ele nota que a primeira palavra pronunciada por Deus – uma forma de verbo hayah, “ser” – antecipa o nome sob o qual Deus se apresenta ele mesmo a Moisés na famosa cena da sarça ardente. O tetragrama YHWH parece ser de fato uma forma do verbo “ser” como o indica o jogo de palavras do texto: YHWH sintetiza em um nome a célebre fórmula também intraduzível como o nome: “eu sou o que serei” (Ex 3,14-15). Na função das vogais que nós lhe damos, este nome misterioso poderia significar “ele é” ou “ele faz ser”. Neste caso, escreve Beauchamp, “a intuição do nosso autor é que a palavra criadora jorra do seu nome divino ele mesmo. Ela é colocada em ação (obra) por Deus de seu próprio nome, isto é de sua essência divina”³. Quanto ao sentido desta palavra, ela não é certamente neutra: “que seja” diz de fato qualquer coisa da vontade constante de Deus criador que é como trazida pelo desejo de vida.

O segundo elemento está contido na primeira palavra: “Que a luz seja”. Ao olhar da continuação do texto, tem qualquer coisa de estranho. De fato, é só no quarto dia que o leitor vê aparecer os astros que Deus instala no firmamento do céu. Desde então, uma questão se coloca: De onde vem esta luz criada no primeiro dia e que não depende do sol e da lua? A resposta

³ P. BEAUCHAMP, *Études sur la Genèse: L'Éden, les set jours, les Patriarches* (ad instar manuscripti), Lyon, 1971, p. 56-57.

não pode ser buscada fora do texto, mas na sua materialidade mesma. Na narrativa, de fato, é a palavra de Deus ela mesma que faz a luz quando ela jorra. É a primeira coisa que ela faz. De resto, este tema volta nos profetas ou nos salmistas: "uma lâmpada para meus passos, tua palavra, uma luz para meu caminho. (...) Se abrindo, tuas palavras iluminam e tornam inteligentes os simples" (Sl 119,105.130; ver também Sl 19,9; Pr 6,23). O evangelista João não diz outra coisa, quando, no início de sua narração, ele faz eco ao Gênesis: "A palavra era a verdadeira luz que ilumina todo homem..." (Jo 1,9; ver também 2 Pd 1,19).

3. O MUNDO, UMA PALAVRA DE DEUS

Esta palavra inicial se abre largamente na continuação da narração da criação. Dez vezes, o narrador introduz o Deus que fala pelas palavras "E Deus disse". E à medida que Deus fala ao interior da narrativa e o leitor ver tomar forma pouco a pouco o mundo que o rodeia, o universo que ele tem sob os olhos, um universo que é "bom" aos olhos de Deus, segundo o refrão do texto. Pronunciados os quatro primeiros dias, as cinco primeiras palavras correspondem a primeira metade do texto: A palavra de Deus estrutura o tempo e o espaço que são os nossos. Primeiro o ritmo cotidiano do dia e da noite é que permite depois, contar os dias e registrar sua sucessão ("houve uma tarde e houve uma manhã). Deus organiza depois os espaços: o céu, os mares e a terra coberta de vegetais (2º e 3º dias); enfim, a criação dos astros inaugura o ritmo anual e o calendário (4º dia). Com a criação dos seres vivos na segunda parte do texto (cinco últimas palavras o 5º e o 6º dia), a palavra divina se faz generosa no dom da vida, enquanto que o leitor vê aparecer o conjunto do mundo animal que lhe é familiar.

Esta maneira de contar as coisas como se a palavra divina organizasse na narrativa o mundo tal como o leitor o conhece, é muito significativo: o mundo visível que o leitor a sob os olhos lhe aparece como o traço concreto e sempre presente desta palavra de Deus, ao ponto que o universo pode ser visto como uma mensagem de Deus. O salmo 19 o diz claramente: "Os céus contam a glória de Deus, e a obra de suas mãos o firmamento o anuncia" (Sl 19,2). Paulo faz eco a isto como teólogo quando ele escreve a comunidade de Roma: "Aquilo que podemos conhecer de Deus é manifestado por eles (os homens). Deus de fato, lhe manifestou. Porque suas qualidades invisíveis depois da criação do mundo, seu poder eterno e sua divindade,

são perceptíveis à inteligência por meio de suas obras” (Rm 1,19-20). Fruto da palavra de Deus, o mundo ele mesmo fala de Deus.

4. AS DEZ PALAVRAS CRIADORAS E O DECÁLOGO

Quanto à forma destas palavras pronunciadas por Deus, notamos que todas têm a forma de ordens, exceto a última que anuncia um dom: “Eis que vos dou” (Gn 1,29). Para o leitor da Torah, uma tal organização em dez palavras divinas produz um eco teológico significativo: como não pensar de fato, na outra série de dez palavras que é o Decálogo? Coração da Lei do povo, estas dez palavras são pronunciadas no quadro da “criação” de Israel como povo da aliança (Ex 20,1-17). Destas dez palavras, a primeira fala de um dom, aquele da vida e da liberdade que Deus faz a Israel (20,2); os outros nove anunciam ordens. É o universo do Gn 1 onde as nove ordens precedem o dom da vida através da alimentação. Como as palavras da criação que estruturam o mundo a partir dos elementos que Deus separa e diversifica, aquelas do Decálogo estruturam o povo e os distinguem em diversas realidades (os pais, os filhos, as gerações, o israelita, seu filho, sua filha, seus domésticos, seus animais, o estrangeiro; o homem e seu próximo). Mas se Deus distingue estas realidades ao interior do povo, é no objetivo de permitir entre eles, pelo meio da lei, relações adequadas onde a vida e a liberdade possam se desabrochar. Assim, as dez palavras proclamadas no Sinai se aproximam daquelas das origens. Notamos aliás que o Sabbat, sétimo dia que coroa a obra criadora de Deus em Gn 2,1-3, figura em pleno coração do Decálogo onde a referência ao repouso divino no termo da criação é explícito (Ex 20,11).

5. BÊNÇÃO DA HUMANIDADE

Uma última consideração se impõe a respeito deste texto. A última ordem divina a qualquer coisa de particular. É de fato a única palavra endereçada a um interlocutor. O narrador a precisa na sua introdução: “E Deus disse a eles”. Este interlocutor, **ha’dam**, o ser humano, a humanidade. Teria Deus criado este mundo para poder encontrar a quem falar? Isto é, a ordem assim dada está presente como uma bênção (“e Deus os abençoou e lhes disse”), quer dizer uma palavra destinada a permitir a vida descobrir seu pleno desabrochamento: “Frutificai e multiplicai e enchei a terra e submetei-a e dominai

os peixes do mar e as aves dos céus e todo ser vivo que rasteja sobre a terra” (Gn 1,28). Esta é bem uma palavra de vida, pois ela pede que a vida se desenvolva com qualidade (dar frutos), em quantidade (multiplicar) e em extensão (encher um espaço). Mas percebemos que este desabrochamento da vida está ligado à ordem de dominar a terra e os animais. A última palavra fixa é então uma tarefa ao humano, tarefa que será precisada depois pelo dom de uma alimentação vegetal convidando os humanos a dominarem os animais sem ter que os matar (1,29). O ideal segundo Deus seria um domínio suave que se abstenha de toda violência. Sua última palavra sugerirá assim um caminho à humanidade de tal sorte, que ela mesma colabore para um futuro harmonioso do mundo e de sua própria existência.

A) RÁPIDO BALANÇO

Antes de virar a página, podemos propor um rápido balanço. No início da narrativa, a palavra de Deus aparece como a manifestação de sua força (o vento), uma força que ele contém, que ele domina a serviço da vida e daquilo que ele permite. Nesta palavra, Deus coloca em ação seu próprio nome (“Ele é”). Ele diz de fato o desejo de vida que habita o criador (“Que seja!”). Nisto, esta palavra é luz. Em todo caso, todo ao longo da narrativa, como por um raio de luz, ele coloca em relevo a harmonia do mundo que emana d’Ele. Seu interlocutor privilegiado é a humanidade e depositária de uma palavra de bênção que abre a vida, mas também de um dom de alimentação que lhe sugere um caminho para ser imagem de Deus onde a força dominada não destrói nada, mas suscita antes, a vida e a harmonia.

1. O PRECEITO DO GN 2,16-17. UMA ORDEM DUPLA A INTERPRETAR

No episódio do Éden, a primeira palavra endereçada pelo Senhor Deus ao humano é de novo formulada como uma ordem e fala de novo de alimentação. “E o Senhor Deus ordenou ao humano dizendo: ”De todas as árvores do jardim, comer tu comerás. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal tu não comerás porque o dia que tu comerás, tu morrer, morrerás”. (2,16-17). Para melhor compreender esta palavra fundamental, é preciso estar muito atento à maneira como ela é formulada. O narrador a apresenta toda inteira como uma “ordem” do Senhor Deus (verbo *çawah*).

Endereçada ao ser humano em segunda pessoa, esta ordem inaugura uma relação direta entre o Senhor Deus e o humano, o qual ele reclama atenção. Portanto, Deus não diz nada a respeito dele mesmo (não há primeira pessoa nestas palavras). Ele não fala do humano (“tu”), de sua alimentação e de sua vida, mas também de uma morte possível. De sorte, Deus fica como escondido atrás daquilo que ele diz. No entanto, na medida onde uma ordem exprime sempre um desejo ou uma vontade, esta palavra revela qualquer coisa do querer de Deus a sujeito do humano. De onde vem a importância de o escutar para tentar esclarecer seu significado.

Esta ordem dupla esquecemos às vezes, que a primeira parte não tem nada de proibido. É uma ordem positiva que pede ao ser humano comer de todas as árvores do jardim, que foram descritas primeiramente como boas para ver e boas para comer (2,9). O Senhor Deus começa então por pedir ao humano a alegria de tudo aquilo que é dado; ele desperta assim seu desejo. Num segundo tempo, sobre esta ordem positiva para comer de tudo, vem se transplantar como uma proibição concernindo a uma árvore precisa. Esta proibição coloca um limite a alegria de tudo, e este limite é depois justificado por uma cláusula precisa que sua recusa conduz à morte. A fórmula empregada (môt tamût, “morrer, tu morrerás”) não tem um sentido unívoco em hebraico. Podemos compreendê-la como uma ameaça de morte, mas também como uma advertência, um colocar-se em guarda, um conselho insistente. O fim da ordem divina é então ambivalente: o humano pode entender seja como anúncio de uma condenação à morte em caso de transgressão (“tu serás punido de morte”), seja um colocar-se em guarda diante de uma escolha perigosa, uma recomendação amigável face a um comportamento susceptível que faz morrer (“tu poderás morrer”).

Quando o final é equívoco e que Deus não tira a ambigüidade, a interpretação da ordem vai depender do ser humano. De fato, mais do que se esconder por trás de sua ordem, Deus não precisa em nenhuma parte a intenção que o faz falar, nem a maneira com o qual é necessário fazer entender aquilo que ele diz. De fato, a ordem divina pode ser interpretada pelo menos de duas maneiras. Uma primeira será sugerida a mulher pela serpente em 3,5: Élohîm quer conservar a exclusividade do conhecimento do bem e do mal. Ele só sabe aquilo que é “bom e mal” e aquilo que é susceptível de lhe procurar “felicidade ou desgraça”. Este saber é seu privilégio e Deus não quer que o humano se apodere. Ele defende-o então de tocar na árvore censurada e supõe procurá-lo a quem comer. Ele combina

sua proibição com uma ameaça de condenação à morte no caso onde o humano transgredisse. Do lado da interpretação sugerida pela serpente, uma outra leitura é possível. Aguardando a ordem dada, o humano pode compreender que Deus busca adverti-lo, e coloca-o em guarda: Recusar o limite voltava a se expor a um perigo mortal (a fórmula “morrer tu morrerás” permite um segundo sentido, nós o vimos). Neste caso, Deus não busca guardar para ele um saber englobante sobre o bem e o mal, sobre o que é bom ou mal para o humano; ele o partilha antes este saber lhe indicando um caminho de desgraça e de morte como para convidá-lo discretamente a não se engajar.

2. COLOCAR-SE EM GUARDA DIANTE DA INVEJA

Eis a situação na qual o personagem da narrativa se encontra: recebendo a ordem de Deus, ele deve interpretar e agir em consequência. Mas o leitor que segue a narrativa desde o início, sabe mais que o personagem. Ele dispõe de fato da chave para ver claro a ordem de Deus. Tendo visto Deus trabalhar generosamente pela vida por meio de sua palavra, ele diz que é sem dúvida aquilo que ele faz dando ao humano uma ordem concernindo sua alimentação e logo sua vida. Depois de ter visto o Senhor Deus criar o ser humano e o abençoar, pois coloca tudo no lugar para que ele se sinta bem no jardim, o leitor terá apenas acreditado naquilo que a serpente disse dele. Nada daquilo que a narrativa fala de Deus até aqui, não permite crer que ele seja um ser mesquinho e ciumento. É antes de tudo a generosidade que o caracteriza, o desejo de vida. Nestas condições, é mais verossímil pensar que a ordem que ele dá concernindo às árvores lhe faz também parte do dispositivo destinado a assegurar ao humano, do que desenvolver com profundidade sua vida evitando se engajar sobre os caminhos da morte. Deste dispositivo, a parte positiva da ordem dada em 2,16 faz claramente parte, pois Deus convida-o a alegrar-se de tudo o que lhe é dado.

Isto quer dizer, nós o compreendemos facilmente: que um limite seja colocado a satisfação de tudo que não vai contra a vida. Na realidade, colocando este limite, o Senhor Deus põe o humano em guarda contra a inveja. Isto consistiria a ceder a tendência totalizante do desejo, recusando uma falta que o estrutura. Esta atitude de inveja é perigosa para o ser humano e suas relações, e isso, pela sua maneira de tratar os outros. A inveja, de fato, faz do outro (1) seja um objeto para monopolizar para si e brincar exclusivamente

com ele, (2) seja um rival que risca de se apoderar daquilo que eu invejo ou tomar aquilo que queremos guardar para si mesmo, (3) seja ainda um instrumento o qual nós vamos nos servir em vista de obter o objeto desejado. Mas, a inveja não reconhece jamais no outro, um sujeito, um parceiro que vive uma relação apropriada. E nisto há qualquer coisa que conduz a morte: ela impede as relações justas sem as quais a vida do ser humano não pode perder o brilho, envelhecer de qualquer maneira. Aliás, com ela, a palavra é sem cessar muito próximo da mentira: ela se torna rapidamente um instrumento de dissimulação e de artimanha, sem a qual as manobras destinadas a saciar o desejo riscariam de falhar.

Neste sentido, compreendemos como a palavra divina coloca o humano em guarda contra um perigo “mortal”. Ele lhe faz um dom de todas as árvores onde a vista desperta o desejo (ver 2,9), mas também um limite que educa este desejo de sorte que ele não se faça invasor. Segundo a lógica da ordem de Deus, viver é aceitar um “menos”, renunciar a possessão de tudo, consentir uma falta. Sem isto, a morte espreita o humano. Não a morte física – esta volta inevitável ao pó é natural (ver Gn 3,19)- mas antes, a morte do humano é, às vezes de desejo e de relação, isto é, no que lhe faz humano. É assim que a ordem de Deus estrutura o humano como ser de desejo (“tu comerás de tudo”). Engajando-o sobre um caminho onde sua humanidade pode se desenvolver em plenitude (tu não comerás de tudo”).

3. A ORDEM, SINAL ESCONDIDO DE UM DEUS AMANTE

Assim, a ordem do Senhor Deus é um sinal discreto de seu amor para com o ser humano. É certo, a primeira vista o preceito atrás o qual ele se esconde, parece dar-lhe a imagem de um ser pouco generoso porque, como já lhe disse, sua boa intenção não é nada aparente. Mas quando refletimos um pouco. De uma parte, o simples fato de dar uma ordem coloca o ser humano na posição de um ser livre e responsável diante de uma escolha a qual depende sua vida. Dar assim a liberdade ao ser humano, é sem dúvida querer seu bem. De outra parte, a maneira de dar esta ordem é de fato respeitosa à liberdade dada. De fato, não trazendo prova evidente de sua benevolência, Deus deixa o ser humano livre diante dele. Se ao contrário ele estendesse sua bondade diante do ser humano, este aqui, se sentiria obrigado a amar seu benfeitor, isso riscaria de obrigar sua liberdade ou mesmo abafá-la. Ao contrário, pela sua mesma discricção, o Senhor Deus

deixa ao humano todo o lugar em relação à escolha que vai decidir de sua vida, e em relação àquele que lhe dá esta ordem.

Neste sentido, Deus se contenta então de fazer sinal ao humano pelo meio da lei, chama-o a sua liberdade e a sua confiança. Assim, o olhar secreto da lei, é a felicidade e o desabrochar da vida humana. Mas a lei, ela mesma deixa na sombra o amor que se exprime nas palavras cobertas (entrelinhas). Porque de uma parte, Deus desperta pela sua palavra o desejo do ser humano, ele o chama a viver (“de todas as árvores, tu comerás”); de outra parte, ele dissimula o amor que o empurra às vezes a querer o desabrochar autêntico da vida do humano e a respeitar a liberdade que desperta nele falando assim. Este amor poderá não se desvendar no grande dia se o humano renuncia a vontade de alcançar de saber, se ele aceita o risco de obedecer à palavra fazendo confiança aquele que fala.

A este ponto de raciocínio, compreendemos bem que o Senhor Deus não impede o humano de conhecer o bem e o mal. Ao contrário: ele lhe dá um certo conhecimento instruindo-o a um caminho que conduz a morte logo, a desgraça lhe sugere por conseguinte como fazer para caminhar para a vida e a felicidade. É a leitura que Ben Sirac faz da passagem quando ele escreve a seu sujeito: “O Senhor cobriu os homens de inteligência e lhe fez conhecer o bem e o mal” (Eclesiastes 17,7).

4. POR QUE A ÁRVORE DO CONHECER BEM E MAL?

Mas então, uma questão se coloca: se não é o conhecimento do bem e do mal que o Senhor proíbe, por que árvore a qual o humano não pode comer é chamada “árvore do conhecer o bem e o mal”? Para compreender, é preciso voltar ao personagem da narrativa quando ele entende a palavra de Deus que lhe é endereçada. Esta ordem, nós lembramos, ele pode compreendê-lo em dois sentidos opostos, porque a intenção divina fica vendada para ele. Ele se encontra, pois, numa posição onde ele não sabe: ele não sabe se a ordem é boa ou má, se ela é para o seu bem ou ao contrário, se ela vai fazer sua desgraça. Ele não sabe também se Deus que fala assim é benévolo ou malévolo a seu olhar, se ele quer o bem ou mal. Breve, ele não conhece o bem e o mal.

Se refletirmos, esta ignorância não é somente negativa. De fato, ela abre uma incerteza que deverá ser repleta pela confiança ou pela descon-

fiança para com Deus e a sua palavra. Eis o que decidirá da escolha que o humano fará; e a maneira como ele se comportará com respeito à árvore de conhecer o bem e o mal mostrará como ele interpreta a palavra divina. Se ele se abstém de comer, é porque ele de uma maneira ou de outra, crê que a palavra é boa e que através dela, Deus quer seu bem e merece então sua confiança. Se ele come, é porque ele não crê verdadeiramente no que Deus disse ou mesmo que ele suspeita de querer enganá-lo; ou aquilo que seja, é porque ele desconfia deste Deus que frustra seu desejo impondo-lhe um limite. Se ele se engaja neste caminho – e é o que ele fará dando ouvidos à serpente, – ele se distanciará de Deus; se ao contrário ele lhe faz confiança, ele aprenderá a conhecer Deus como um ser bom que deseja que ele viva livre. Este conhecimento não será como um objeto que podemos alcançá-lo imediatamente (como o fruto que comemos); ele virá pouco a pouco, à medida que a relação se construirá. Estamos então numa lógica de aliança que se alimenta de confiança.

B) RÁPIDO BALANÇO – RESUMO

Antes de avançar, façamos de novo um pequeno resumo. Isto que eu acabo de dizer refletindo sobre o primeiro preceito de toda a narrativa bíblica é em realidade muito significativo daquilo que é a lei de Deus no primeiro Testamento. Esta palavra divina é essencial naquilo que estrutura o ser humano em profundidade em vista de sua vida. Ele se transplanta sobre o desejo que está no coração de cada um e que é essencial ao dinamismo da mesma vida e logo do seu desabrochamento. Este desejo, ele visa a educá-lo para lhe permitir desenvolver-se sem riscar de invadir o outro- o que seria lamentável para a relação – mas sem se esgotar inutilmente numa inveja que não será jamais satisfeita. É assim que, na lei, Deus manifesta sua vontade de vida para cada um. Mas ele o faz sem se impor, suscitando a liberdade e chamando discretamente a confiança. Há uma chave para compreender toda a torah. Como disse Moisés no fim do Deuteronômio: “É a vida e a morte que eu coloco diante de vocês (através do dom da lei), é a bênção e a maldição. Escolhi pois, a vida para que tu vivas, você e tua descendência, amando o Senhor teu Deus, escutando sua voz e se ligando a ele” (Dt 30,19-20a).

1. A SERPENTE, OU COMO SEMEAR A MORTE COM A PALAVRA DE DEUS – MANIPULAR A PALAVRA DE DEUS

A continuação da narrativa constitui indiretamente uma grave advertência para todo leitor, todo auditor da palavra de Deus. De fato, na cena onde a serpente intervém, vimos a palavra que Deus endereçou aos humanos, a qual é interpretada de tal sorte que se torna força de morte. Esta palavra dada para que o ser humano possa desenvolver plenamente sua vida é pois, susceptível de ser manipulada e compreendida ao contrário. E se ousou dizer, a lei na qual Deus se dobra quando ele escolhe falar: toda palavra é fundamentalmente frágil, na medida em que ela precisa ser sempre interpretada. Como toda palavra, esta de Deus, ela também é exposta ao risco da interpretação que toma direção diferente ao ver mais ou menos o sentido. Eu não vou entrar em todos os detalhes da cena do início do capítulo 3, onde lá, a mulher dialoga com a serpente. Eu me contentarei de ler a primeira linha.

O narrador apresenta a serpente como o mais audacioso de todos os viventes que fez o Senhor Deus. O leitor deve então buscar a astúcia ou a artimanha nas palavras que ela endereça a mulher: “verdadeiramente sim, Deus disse: “Vós não comereis de todas as árvores do jardim”...” (Gn 3,1). De imediato, a serpente se refere à ordem divina, uma palavra que nós vimos, não é inteiramente clara para o humano que a recebeu e que espera ser interpretada. Materialmente, a serpente não faz aliás que repetir as palavras da ordem de Deus. Mas sua entrada em matéria difícil para traduzi-la em nossas línguas, introduz a palavra divina como se ela não estivesse segura de ter compreendido bem aquilo que Deus dissera. Podemos traduzir, forçando o traço: “É verdade que Deus disse: “Vós não comereis de todas as árvores do jardim”...?”

Na realidade, a palavra divina tal como a serpente a repete, está correta. Segundo aquilo que Deus disse de fato, os humanos não comem de todas as árvores do jardim porque uma delas não lhe foi dada (2,16-17). A serpente diz então a verdade. Mas ao mesmo tempo, ela formula a frase de tal maneira que ela seja entendida diferente. De fato, ela abrevia a ordem de Deus e inverte os termos: ela faz entender a proibição assim (tu não comerás” de uma árvore, 2,17a) sobre “todas as árvores” (o qual Deus disse que eles podiam comer 2,16b). dizendo em tudo a verdade, a serpente sugere de fato o inverso daquilo que Deus começou por dizer quando ele

deu todas as árvores. Assim, a frase pode ser traduzida também: “Vós não comereis de nenhuma árvore do jardim”. É assim em todo caso que a mulher compreende. Por isso que ela se apressa em ratificar: “De todas as árvores do jardim, nós comemos...” (v. 2b).

2. SEMEAR A DÚVIDA E INSTALAR A DESCONFIANÇA PARA DESVIAR DA ALIANÇA

Diante daquilo que diz a serpente, não é falso mas ela o diz fazendo parecer e não está segura do que ela diz e a fórmula da sua frase de sorte, é de que a mulher o entenda de um outro sentido. Em tudo, dizendo a verdade, ela insinua o falso. Sua língua bifurcada joga sobre a ambigüidade da linguagem. Por isso que ela semeia a dúvida a propósito daquilo que Deus disse e coloca suspeitas sobre aquele que falou. Porque é bem isso que ela faz na realidade. A serpente, de fato não retém que a parte negativa da ordem divina é aquela que coloca limite (“vós não comereis”). Ela não faz nenhuma alusão ao dom anterior de “todas as árvores do jardim”. A árvore proibida toma assim todo o lugar e torna, no sentido estrito, a árvore que esconde a floresta daqueles que Deus os deu. Dizendo de outra maneira, a serpente apaga o dom que convida e encoraja a interpretar o preceito de Deus como sinal da benevolência discreta de um Deus amigo e bem intencionado. Sem o dom, de fato a palavra divina não é mais que uma lei que proíbe de comer de alegrar-se – de outra maneira de viver, e Deus, ele mesmo aparece como um adversário dos humanos e de sua vida.

Assim, emprestando algumas palavras a Deus, a serpente vem em realidade se deslizar entre ele e os humanos, fazendo dele seu concorrente. Com leveza, ar de não querer nada, ela manipula a palavra destinada a abrir o ser humano ao outro e a Deus na lógica da aliança. Na sua boca, a palavra de Deus reinterpretada conduz ao esquecimento do dom, da aliança, ela o desvia de Deus. São Paulo perfeitamente a compreendeu e ele entendeu que é a cobiça que coloca uma armadilha ao ser humano. Na carta que ele endereça aos cristãos de Roma, ele escreve: “eu não conheci o pecado que pela lei, [o preceito de Deus]: de fato eu não teria conhecido a cobiça se a lei não tivesse dito: “Tu não cobiçarás”. Introduzindo a ocasião, o pecado

[a serpente⁴] por meio da lei, produziu em mim toda cobiça. (...) Porque o pecado [a serpente] introduzindo a ocasião me enganou pelo meio do preceito e por ele me matou. Assim, a lei é santa e o preceito santo, justo e bom. Então, o bom se tornou causa de morte para mim...? Claro que não. Mas o pecado [serpente], a fim que ela aparecesse como pecado, produziu para mim a morte por meio do que é bom... (Rm 7,7...13).

3. UM JUIZ QUE FAZ A VERDADE SOBRE O MAL

Um último olhar mais rápido completará este quadro. A segunda parte da narrativa do Éden no capítulo 3 do Gênesis (versículos 9 a 22), de fato faz entender de novo a palavra do Senhor Deus: após ter levado o homem e a mulher a dizer o que se passou com a serpente, Deus toma os traços de um juiz. É uma imagem que os leitores crentes não gostam muito, em geral. Ela é portanto, freqüente na Bíblia. Mas é uma imagem negativa? Depois de tudo, um juiz não aparece como um personagem temível que para aquele que é culpável. Para a vítima como para a sociedade, seu papel é eminentemente positivo. Ele consiste antes de tudo a estabelecer a verdade: o que se passou ao justo? Quem é culpável? Quem é inocente? A partir daí, num segundo momento, o juiz “faz” a justiça: para a vítima, ele repara o mal sofrido com compensações de melhores faltas e que reconheçam seus status de vítima; para o culpável, ele pronuncia uma pena adequada destinada a lhe fazer tomar consciência da gravidade do delito e de suas conseqüências. Neste caso, as sentenças contribuem também para um juiz da verdade. Notemos aliás que todo este processo se faz por meio da palavra. Eis aquilo que é de um processo quando ele se passa regularmente.

Na realidade, é exatamente aquilo que faz o Senhor Deus depois que os humanos comeram da árvore de conhecer o bem e o mal. Num primeiro momento (3,8-13), dialogando com o homem e a mulher, ele faz aparecer a verdade e estabelece as responsabilidades de cada um dos atores. A coisa é essencial: na medida onde a serpente se empenhou com astúcia a fazer passar o bem por mal, é indispensável restaurar a verdade esta que a mulher faz quando ela declara a serpente enganadora (3,13). Depois, nas sentenças

⁴ Eu acrescento “a serpente” para tornar explícita a ligação entre o texto de Paulo e a narrativa de Gênesis 3.

3,14-(19), Deus desvenda as conseqüências desastrosas da escolha que os humanos fizeram escutando a serpente antes que Deus e em sua palavra. Escutar a serpente de fato, é seguir a cobiça que sugere tomar tudo e permite um desabrochamento máximo. Na realidade, eu já disse, isso conduz a desgraça porque a cobiça envenena as relações essenciais à felicidade do ser humano. É isso que, nas sentenças, Deus explicita: sob a influência da cobiça, as relações entre mãe e filho, entre homem e mulher, entre os humanos e a natureza, são vividas na concorrência, força de tensões e de violência (3,16-19). Quanto à serpente por causa da cobiça, ela é declarada maldita, isto é portadora de morte (3,14-15). É assim que as sentenças de Deus fazem tomar consciência aos personagens humanos da narrativa, mas também ao leitor, de toda desgraça a qual a cobiça é portadora.

Decerto, as sentenças fazem mal. Mas na realidade, é preciso compreender que, para elas, este não é juiz, é ele mesmo que faz mal. O que é mal, é a má escolha que o precedeu. E a palavra do juiz consiste em utilizar o mal para fazer a verdade sobre o mal e sobre a desgraça que ela aporta; neste sentido, ela ajuda a abrir os olhos do culpado e dá assim uma chance a vida além do mal. Breve, ao contrário da opinião corrente, a palavra do julgamento de Deus não tem nada de negativo. Tudo como o preceito que busca evitar que os humanos façam escolhas infelizes. Ela tem por objetivo reorientar através da verdade se opondo ao mal depois que ele foi cometido na esperança que a vida e o bem retomem a meta, em vida a felicidade.

C) RÁPIDO BALANÇO

Antes de concluir, proporemos de novo um pequeno balanço. Quando Deus se propõe a falar aos humanos, ele corre um risco importante. Falar de fato, é sempre se expor a ser mal entendido, a ter a palavra deformada, utilizada, desviada ao contrário. Que o Deus da Bíblia corra este risco não é sem conseqüência para aqueles a quem ele se endereça: o futuro da palavra de Deus depende deles, de sua maneira de compreendê-la, de respeitá-la ou não. A palavra de Deus convida discretamente os humanos a viver na lógica da aliança, o que ela não pode fazer sem suscitar sua liberdade e sua responsabilidade. E o primeiro lugar onde estes entram em jogo, é na sua maneira de receber e interpretar a palavra entendida. Porque a cena com a serpente o mostra: interpretada a partir da cobiça, a palavra de vida

conduz à morte! Também o Deus juiz intervirá para restaurar a verdade. E quando o mal utiliza uma boa palavra para induzir ao erro, é uma palavra má em aparência que Deus utiliza para combater o mal desvendando sua verdade.

CONCLUSÃO

O que se diz indiretamente nos primeiros capítulos do Gênesis se revela essencial para compreender o que é a palavra de Deus segundo o primeiro Testamento. Nas primeiras páginas da Bíblia, de fato, a palavra de Deus é uma manifestação de sua força. Nela, Deus se diz dele mesmo, ao mesmo tempo em que ele revela sua vontade de vida. E o fruto da vida que faz germinar esta palavra – a criação – constitui o traço permanente desta palavra fecunda.

O que Deus fala se dá igualmente como interlocutor: os seres humanos. As primeiras palavras que ele lhe endereça lhe revelam claramente seu dom de vida significando em tudo que este desejo não se realizará sem eles. A primeira os convida a se realizar como imagem de Deus dominando sua força para exercer com doçura. A segunda desperta - lhe desejo e a estrutura por um limite em vista de os tornar capazes da aliança. Estas palavras dissimulam sob um véu de discrição e de respeito ao amor de Deus que abre o humano para a liberdade responsável, tomando cuidado de não o obrigar.

Quando ele se põe assim a falar ao humano que ele o desperta para a liberdade, Deus corre o risco de ser mal compreendido – porque toda palavra recebida é impecavelmente interpretada. Para garantir a liberdade dos humanos em vista da aliança, Deus lhe fala aliás, de tal maneira que eles devem interpretar. Assim, sua palavra ordenada à vida é entregue aos humanos e as suas escolhas. O que ela se tornará depende inteiramente deles, o mesmo se faz às interpretações que conduzam a desgraça e a morte, Deus retoma a palavra para opor sua verdade a mentira.

A palavra de Deus é sua força que corre o risco de se fazer frágil para convidar o humano a entrar livremente na aliança onde ele encontrará sua vida. Se for assim, a liberdade e a responsabilidade do humano se exercem em primeiro lugar na maneira de escutar, de receber, de interpretar a palavra entendida. Porque o capítulo 3 do Gênesis o mostra: se a palavra de Deus é para a vida, há várias maneiras de entendê-la que conduzem à morte. Eis

Uma palavra criadora

que sublinho não podemos melhorar, me parece que a responsabilidade de todos aqueles e aquelas onde o trabalho, consiste em interpretar a palavra de Deus.

Prof. Dr. André Wénin

Professor de exegese do Antigo Testamento e línguas bíblicas na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Louvain-Bélgica.